

# A HISTÓRIA DA MARGINALIZAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL - POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

## THE HISTORY OF THE MARGINALIZATION OF BLACK PEOPLE IN BRAZIL - FOR AN ANTI-RACIST EDUCATION



### CESAR AUGUSTO FERNANDES COSTA

Graduação em História pela Universidade Nove de Julho (2016); Pós-graduação História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Região Missioneira (2019); Professor de Ensino Fundamental II – História – na EMEF Vladimir Herzog; Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I – na EMEF Clotilde Rosa Henriques Elias.

### RESUMO

Este trabalho foi feito com o objetivo de fazer uma análise crítica e refletiva sobre a história da imagem da população negra no Brasil como uma forma de dominação e discriminação para manter as bases e estruturas da sociedade colonial, capitalistas, racistas e elitistas. Ao longo da história tudo que estava relacionado à população afrodescendente sofreu perseguição cultural e política. Ainda hoje, vemos reflexos bem nítidos da tentativa de prejudicar a imagem do negro e de relativizar o racismo existente no Brasil. Realizei uma pesquisa considerando os seguintes autores: BOAHEN (2010), CAMPOS (2005), EBERHARDT e FISKE (1998), FAUSTO (2013), FREYRE (1998), KLOPPENBURG (1991), RIBEIRO (1995) e REDIKER (2011).

**Palavras-chave:** Afrodescendente; Cultura; Racismo; Sociedade; Exclusão

### ABSTRACT

This work was done with the aim of making a critical and reflective analysis of the history of the image of the black population in Brazil as a form of domination and discrimination to maintain the bases and structures of colonial, capitalist, racist and elitist society. Throughout history, everything related to the Afro-descendant population has suffered cultural and political persecution. Even today, we see very clear reflections of the attempt to damage the image of black people and to relativize the racism that exists in Brazil. I researched the following authors: BOAHEN (2010), CAMPOS (2005), EBERHARDT and FISKE (1998), FAUSTO (2013), FREYRE (1998), KLOPPENBURG (1991), RIBEIRO (1995) and REDIKER (2011).

**Keywords:** Afro-descendant; Culture; Racism; Society; Exclusion

## INTRODUÇÃO

É chamado de cultura afro-brasileira o conjunto de estudos das tradições e interações culturais entre os povos que vieram do continente africano e trouxeram sua cultura para o nosso país. Tudo isso contribuiu para nossa formação e caracterização do nosso processo de identidade. No entanto, essa troca de culturas não foi através de meios pacíficos.

Para justificar a dominação europeia sobre o continente africano, se usou a ideia do darwinismo social. Era uma teoria racista que afirmava que os povos europeus estavam mais “evoluídos” que os africanos, portanto, seria justificável levar a civilização aos povos africanos.

Contudo, houve vários reflexos dessa teoria na colonização brasileira até os dias atuais. A imagem do negro sempre estava relacionada com algo considerado ruim e imoral. Era uma forma de legitimação do racismo existente no Brasil.

A proposta fundamental do trabalho é refletir sobre o processo histórico acerca dos afrodescendentes através das seguintes questões: Como a imagem da população negra foi desumanizada e relacionada a coisas ruins? A quem interessa essa falsa ideia de superioridade cultural branca no Brasil? Como isso se reflete atualmente?

Para realizar essa produção de pesquisa foi feito um levantamento dos principais fatos do processo histórico da população negra no Brasil levando em consideração autores da literatura e de meios eletrônicos que descrevem que é constituído o racismo e perseguição a esse povo.

Toda a bibliografia tem respeito pela comunidade científica e historiográfica, para isso, consultei os seguintes autores: Boahen (2010), Campos (2005), Eberhardt E Fiske (1998), Fausto (2013), Freyre (1998), Kloppenburg (1991), Ribeiro (1995) E Rediker (2011).

## **A HISTÓRIA DA MARGINALIZAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL - POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Começou com a vinda em massa de pessoas escravizadas do continente africano em um nível muito acelerado e promovendo a total desumanização dessas pessoas. Ao chegar ao Brasil, eram considerados apenas como produtos de valor negociável.

Ainda quando estavam em África, estima-se que a taxa de mortalidade dos africanos no percurso que faziam desde o local em que eram capturados pelos mercadores de escravos locais até o litoral onde eram vendidos aos europeus era superior à que ocorria durante a travessia do Atlântico. (BANHE, 2010, p. 541-42).

O tratamento era desumano para não ter nenhum sentimento de igualdade de raça. Os negros eram inferiorizados através da violência física e psicológica para promover o medo e conseguir a submissão dos aprisionados, como conta o historiador Rediker.

Durante a travessia, a taxa de mortalidade, embora menor do que em terra, até o final do século XVIII se manteve assustadora, com maior ou menor incidência dependendo das epidemias, das rebeliões e suicídios levados a cabo pelos escravizados, das condições existentes a bordo, bem como do humor do capitão e tripulação de cada navio negreiro. (REDIKER, 2011, p.81)

Durante todo o período da escravidão, houve vários movimentos de resistência, entre eles, destaco a formação de quilombos. Esse local de difícil acesso, os negros fugitivos viviam com alguns indígenas e pessoas brancas excluídas da sociedade colonial, um modo de vida muito semelhante aos reinos africanos. O quilombo de mais destaque foi o Quilombo dos Palmares em Alagoas Quando o bandeirante Domingo Jorge Velho invadiu e matou o seu líder, Zumbi. Em 14 de março de 1696 o governador de Pernambuco, Caetano de Melo de Castro escreveu ao Rei: "Determinei que pusessem sua cabeça" em um poste no lugar mais público desta praça, para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que entendessem que esta empresa acabava de todo com os Palmares. Esse foi mais um ato para construir a ideia de superioridade da raça branca sobre a população escrava negra, que viu seu maior líder sendo exposto em praça pública de maneira humilhante.

Além disso, a religião africana era considerada pagã e ultrapassada. Por isso, constantemente era perseguida dentro das senzalas. Para continuar com as suas expressões religiosas tiveram que adotar e praticar o sincretismo com a religião católica que era dominante na colônia. A religião católica justifica a superioridade cristã sobre as religiões de matriz afro-brasileiras. A perseguição começou na colônia e se intensificou na Era Vargas.

Assim como outras religiões afro-brasileiras, a Umbanda sofreu repressão política durante a Vargas até o início de 1950. Uma lei de 1934 colocava estas religiões sob a jurisdição do Departamento de Tóxicos e Mistificações da polícia de modo que era preciso um registro especial para funcionar. Durante esses anos vários grupos se mantinham na clandestinidade ou quando se registravam, procuravam omitir suas ligações ou inspirações africanas se registrando como sendo apenas "espiritistas". (KLOPPENBURG, 1991, p. 38).

A escravidão no Brasil durou 300 anos, algo inaceitável, e só foi extinta após a pressão internacional, principalmente da Inglaterra, para inserir o Brasil no sistema capitalista não escravagista mundial. Além disso, houve na sociedade um movimento muito forte pela abolição, principalmente dos abolicionistas, que contava até com negros libertos lutando pelos direitos de outros negros oprimidos.

Após a abolição da escravidão, os negros continuaram a viver marginalizados. Sem acesso à educação, saúde, habitação e todos os outros serviços básicos. Sua mão de obra foi substituída em grande parte pelos imigrantes europeus e asiáticos que chegaram ao país no início do século XX.

Apesar das variações de acordo com as diferentes regiões do país, a abolição da escravatura não eliminou o problema do negro. A opção pelo trabalhador imigrante, nas áreas regionais mais dinâmicas da economia, e as escassas oportunidades abertas ao ex-escravo, em outras áreas, resultaram em uma profunda desigualdade social da população negra. Fruto em parte do preconceito, essa desigualdade acabou por reforçar o próprio preconceito contra o negro. Sobretudo nas regiões de forte imigração, ele foi considerado um ser inferior, perigoso, vadio e propenso ao crime; mas útil quando subserviente. (FAUSTO, 2013, p. 188.)

De acordo com FAUSTO (2013, p.189), a população negra era vista como rebelde e não tinha instrução. Além disso, as teorias racistas estavam em alta na época, e muitos empregadores preferem optar por imigrantes brancos para desenvolver a ideia de "branqueamento" existente naquela época.

Em relação à cultura, há outras importantes contribuições trazidas pelos africanos como a capoeira – uma luta de defesa que pode ser considerada dança-, e a feijoada – uma refeição feita com as partes

excluídas e menos nobres do porco e somadas ao feijão preto que eram despejadas aos escravos ou jogadas ao lixo promovendo a humilhação desses povos para se alimentar.

Além disso, CAMPOS (2005 p.89) explica que a República Brasileira decretou a proibição da capoeira em todo o território nacional. Era uma modalidade vista como coisa de marginal e sofreu muita perseguição policial, tanto que, se fosse visto qualquer cidadão praticando capoeira era preso, torturado e muitas vezes mutilado pela polícia. A capoeira, após um breve período de liberdade, via-se mais uma vez malvista e perseguida. Expressões culturais como a roda de capoeira eram praticadas em locais afastados ou escondidos e, geralmente, os capoeiristas deixavam alguém de sentinela para avisar de uma eventual chegada da polícia. Mais uma vez, a arte e a cultura afro-brasileira precisavam ser praticadas escondidas por causa do racismo e preconceito. Seus praticantes foram automaticamente marginalizados socialmente.

A população negra continuou à margem da sociedade e junto com nordestinos formaram as primeiras favelas na região sudeste do país. RIBEIRO (1995 p.45) conta que no final do século XIX, os primeiros assentamentos eram chamados de "bairros africanos". Estes eram os lugares onde ex-escravos sem terras e sem opções de trabalho iam morar. Mesmo antes da primeira "favela" passar a existir, os cidadãos pobres eram afastados do centro da cidade e forçado a viver em distantes subúrbios. No entanto, as favelas mais modernas apareceram na década de 1970, devido ao êxodo rural, quando muitas pessoas deixaram as áreas rurais do Brasil e mudou-se para as cidades. Sem encontrar um lugar para viver, muitas pessoas acabaram morando nas periferias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo Eberhardt e Fiske (1998, p. 49-50), não dá para assumir que o comportamento de alguém está ligado à sua raça. Esse tipo de suposição é racista por natureza, mesmo que a intenção não seja machucar ou ofender. Isso acontece porque os estereótipos sempre acabam colocando as identidades individuais e de grupo em caixinhas limitadas. Quando categorizamos as pessoas com base na raça, reforçamos preconceitos e excluímos, perpetuando um ciclo que já está enraizado na sociedade.

Na história do Brasil, a cultura afro-brasileira foi alvo de muita discriminação e preconceito. Desde os tempos da escravidão, os negros foram tratados de forma desumana, como se fossem mercadoria, e mesmo após a abolição, a luta pela igualdade e pelo reconhecimento continuou e ainda continua cheia de obstáculos. O preconceito racial, muito presente na sociedade brasileira, resultou em práticas que tentam inferiorizar e estigmatizar a população negra, espalhando conceitos errados e desumanos.

Esse preconceito e ódio se manifestaram de várias maneiras ao longo dos séculos, seja através da violência direta ou pela perpetuação de estereótipos que desvalorizam a contribuição dos afro-brasileiros para a sociedade. A exclusão dos negros dos espaços de poder, a marginalização econômica e social, e a tentativa constante de minimizar suas contribuições culturais fazem parte de um esforço contínuo para mantê-los em uma posição de vulnerabilidade.

Hoje, apesar de alguns avanços, a população negra no Brasil ainda enfrenta grandes desigualdades. De acordo com uma reportagem do jornal Correio Braziliense (13/05/2018), 130 anos depois da abolição da escravatura, os negros ainda são os mais afetados pela desigualdade social. Eles representam 63,7% dos desempregados no país e, em média, ganham muito menos que os brancos—R\$1.531 contra R\$2.757. Esses números mostram que o racismo estrutural ainda está muito presente, afetando diretamente as oportunidades e a qualidade de vida da população negra.

A aprovação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis da educação básica, foi um passo importante na luta contra o racismo no Brasil. Essa lei busca corrigir séculos de invisibilização e distorção da história dos africanos e seus descendentes. Incluir essas temáticas no currículo escolar é uma forma de reconhecer a importância das contribuições afro-brasileiras e promover uma educação mais inclusiva, que valorize a diversidade e combata o preconceito.

Porém, a aprovação dessa lei não significa que a discriminação racial acabou. Colocar em prática uma educação que realmente integre essas questões ainda enfrenta muitos desafios, como a resistência cultural, a falta de formação adequada para professores e a persistência de estereótipos racistas na sociedade. Ainda há muito a fazer para conscientizar as pessoas sobre a importância de uma educação inclusiva e crítica, que não só desperte a curiosidade sobre nossas heranças culturais, mas que também valorize essas tradições como parte fundamental da identidade brasileira.

Para transformar o Brasil em uma sociedade verdadeiramente inclusiva e igualitária, precisamos de mais do que apenas leis; precisamos de uma mudança profunda nas mentalidades e nas práticas diárias. A luta contra o racismo deve continuar em todas as suas formas, promovendo o respeito às diferenças e a valorização da diversidade como bases essenciais para construir uma sociedade mais justa e humana.

## REFERÊNCIAS

**130 anos após abolição, população negra ainda sofre com a desigualdade** - Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/13/interna-brasil,680301/130-anos-apos-abolicao-populacao-negra-ainda-sofre-com-a-desigualdade.shtml>. Acesso 27 ago. 2024.

BOAHEN, Albert Adu. **História Geral da África**. Vol. VII. Brasília: UNESCO, 2010.

CAMPOS, Andrelino. **Do Quilombo à Favela: A Produção do "Espaço Criminalizado" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2005.

EBERHARDT, Jennifer Lynn; FISKE, Susan T. **Confronting Racism: The Problem and the Response**. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=DQRVbxY21eYC&pg=PR4&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=DQRVbxY21eYC&pg=PR4&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). SAGE Publications. Acesso 27 ago. 2024.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013, p. 188.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Espiritismo: Orientação para os Católicos**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REDIKER, Marcus. **O Navio Negroiro**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

DIAZ, Franklin. **A Abolição no Brasil e as Consequências Sociais para a População Negra**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Formação do Brasil: Uma Introdução ao Estudo da História Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

GONÇALVES, Ana Luiza. **Racismo e Exclusão Social: A Perpetuação das Desigualdades no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

MATTOS, Hebe. **A Construção do Brasil Contemporâneo: História e Desigualdade Social**. São Paulo: Editora Hucitec, 2012.

MORGAN, Kenneth. **A História dos Negros no Brasil: Da Escravidão à Atualidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Desafios da Globalização e a Questão Social: Reflexões sobre a Desigualdade**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.